



Voluntária

Ambientalismo Imperial: Silenciamento da História Colonial nos Discursos Verdes

Autores: Júlia Keiber Salvator, Alexandre Fernandes Cortez

INTRODUÇÃO / OBJETIVO

O agravamento das crises ecológicas globais tem impulsionado discursos ambientais amplamente difundidos por organismos internacionais, movimentos sociais e instituições acadêmicas. No entanto, conforme propõe Malcolm Ferdinand em *Uma Ecologia Decolonial* (2022), grande parte desse ambientalismo opera sob uma lógica que silencia as relações históricas entre exploração ambiental e dominação colonial. Esse fenômeno, denominado pelo autor como ambientalismo imperial, revela como o pensamento ecológico dominante ignora as marcas do colonialismo e da escravidão na construção do mundo moderno, deslegitimando os saberes e modos de vida dos povos racializados e colonizados.

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente a noção de ambientalismo imperial, evidenciando seus vínculos com a colonialidade do saber e do poder e refletindo sobre os caminhos possíveis para uma ecologia decolonial, pautada na valorização das epistemologias do Sul.

RESULTADOS

Outro resultado importante foi o reconhecimento de que o ambientalismo imperial, longe de promover justiça ambiental, contribui para a reprodução de práticas coloniais sob uma nova roupagem, como a criação de áreas de preservação ambiental que resultam na expulsão de comunidades tradicionais dos seus territórios, prática que Ferdinand denuncia como continuidade da violência colonial no presente.

A pesquisa também demonstrou que a proposta de Ferdinand de uma ecologia decolonial articula a luta ambiental à memória histórica dos povos colonizados, convocando uma reconstrução ética e política do ambientalismo a partir das epistemologias do Sul. Isso implica, segundo o autor, repensar o próprio conceito de natureza, questionando a cisão moderna entre humanidade e mundo natural, e reconhecendo a interdependência entre corpos, territórios e histórias.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa teórica e qualitativa, com base na análise bibliográfica de caráter crítico. A principal referência teórica é a obra *Uma Ecologia Decolonial* (2022), de Malcolm Ferdinand. O trabalho também dialoga com autores do pensamento decolonial, como Aníbal Quijano. A abordagem adotada é analítica e interpretativa, utilizando o método de leitura crítica de textos para identificar os fundamentos epistemológicos da crítica ao ambientalismo ocidental e os elementos propositivos de uma ecologia decolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas a partir da obra *Uma Ecologia Decolonial*, de Malcolm Ferdinand, evidenciam que o ambientalismo dominante, ao ignorar as raízes coloniais da crise ecológica, atua como um discurso de continuidade das estruturas de dominação e exclusão forjadas pela modernidade ocidental. Esse ambientalismo imperial, ao se apresentar como neutro e universal, silencia os vínculos entre a devastação ambiental, a escravidão e a colonização, ao mesmo tempo em que marginaliza os saberes e práticas dos povos racializados e colonizados.

Assim, a proposta de uma ecologia decolonial emerge como alternativa crítica que articula justiça ambiental à justiça histórica, promovendo o reconhecimento das epistemologias do Sul e a valorização das formas plurais de habitar e proteger os territórios. Conclui-se, portanto, que descolonizar o ambientalismo exige não apenas incluir outras vozes no debate ecológico, mas reformular profundamente os fundamentos epistemológicos, éticos e políticos da própria luta ambiental.

RESULTADOS

A análise da obra *Uma Ecologia Decolonial*, de Malcolm Ferdinand, evidenciou que o chamado ambientalismo imperial se estrutura como um discurso ambiental global que mantém, de forma velada, os fundamentos da colonialidade. Ao investigar o modo como esse ambientalismo é construído, observou-se que ele promove uma separação entre a crise ecológica e os processos históricos de colonização, expropriação e escravização, negando as raízes coloniais da devastação ambiental atual.

Entre os principais resultados, destaca-se a constatação de que a retórica ambiental dominante, ao se apresentar como técnica, neutra e universal, reforça o epistemicídio de saberes não ocidentais, deslegitimando modos de vida e práticas sustentáveis desenvolvidas historicamente por povos indígenas, africanos e afrodescendentes. Esses saberes, por não estarem ancorados na racionalidade moderna eurocêntrica, são excluídos das instâncias de decisão e formulação de políticas ambientais globais, perpetuando desigualdades epistêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERDINAND, Malcolm. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução de Lucas Lobianco. São Paulo: Ubu, 2022.
QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.